



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

IDÁLIA HENRIQUES DE MELO

**A LITERATURA INFANTO JUVENIL DE LYGIA BOJUNGA: UMA
IMPORTANTE ANÁLISE SOBRE AS CRÍTICAS SOCIAIS PRESENTES NA
OBRA *A BOLSA AMARELA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras, da Universidade do Estado do
Amazonas, como pré-requisito para a obtenção
do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a Msc. Delma Pachêco Sicsú

Parintins/Am

2018



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**A LITERATURA INFANTO JUVENIL DE LYGIA BOJUNGA: UMA
IMPORTANTE ANÁLISE SOBRE AS CRÍTICAS SOCIAIS PRESENTES NA
OBRA A BOLSA AMARELA**

IDÁLIA HENRIQUES DE MELO

ORIENTADORA Msc. DELMA PACHÊCO SICSÚ

Parintins/ Am

2018

IDÁLIA HENRIQUES DE MELO

**A LITERATURA INFANTO JUVENIL DE LYGIA BOJUNGA: UMA
IMPORTANTE ANÁLISE SOBRE AS CRÍTICAS SOCIAIS PRESENTES NA
OBRA *A BOLSA AMARELA***

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciada em Letras
pela Universidade do Estado do Amazonas.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Msc. Delma Pachêco Sicsú

Msc. Franklin Roosevelt Martins de Castro

Msc. Francisca Keila de Freitas Amoêdo

Parintins/Am

2018

Sumário

RESUMO:	5
INTRODUÇÃO	6
A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO BRASIL: SUA TRAJETÓRIA ATÉ OS DIAS ATUAIS	7
A LITERATURA DE LYGIA BOJUNGA	10
METODOLOGIA	14
A BOLSA AMARELA: UM MUNDO ESCONDIDO	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

A LITERATURA INFANTO JUVENIL DE LYGIA BOJUNGA: UMA IMPORTANTE ANÁLISE SOBRE AS CRÍTICAS SOCIAIS PRESENTES NA OBRA *A BOLSA AMARELA*

Idália Henriques de Melo¹
Delma Pachêco Sicsú²

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar uma obra da Literatura Infantojuvenil produzida pela escritora Lygia Bojunga, levando em conta as críticas sociais presentes em *A bolsa amarela*, publicado em 1976 e desde então traduzido em vários idiomas. A obra trata dos problemas existentes nas relações humanas e faz críticas importantes, por meio de vasta simbologia da realidade social. A narrativa traz o conflito interior e familiar que Raquel vive, porém, de forma bem humorada. A personagem cria um mundo imaginário onde é possível viver sonhos com amigos que entendem e respeitam suas vontades. Nesta análise proponho-me a investigar como a crítica social se permeia entre o real e o fantástico colocado pela autora. Como suporte teórico, fez-se necessário estudiosos que contribuem significativamente com a temática deste trabalho, como: Arroyo (2011); Cristófono (2010); Lajolo e Zilberman (1988), Malheiros (2000) entre outros que vieram cooperar para o desenvolvimento do trabalho.

Palavra-chave: Literatura Infantojuvenil. Lygia Bojunga. *A Bolsa amarela*.

ABSTRACT: The present work has the objective of analyzing a work of the Child and youth Literature produced by the writer Lygia Bojunga, taking into account the social critics present in *The yellow bag*, published in 1976 and since translated in several languages. The book deals with the problems that exist in human relations and makes important criticisms, through a vast symbology of social reality. The narrative brings the internal and familiar conflict that Raquel lives, however, in a humorous way. The character creates an imaginary world where it is possible to live dreams with friends who understand and respect their wishes. In this analysis I propose to investigate how social criticism permeates between the real and the fantastic placed by the author. As a theoretical support, it became necessary for scholars to contribute significantly to the theme of this work, as: Arroyo (2011); Cristófono (2010); Lajolo e Zilberman (1988), Malheiros (2000) among others who came to cooperate for the development of the work.

Key- words: Infantojuvenil literature. Lygia Bojunga. *The yellow bag*.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

² Prof^ª. Msc. Do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

INTRODUÇÃO

A literatura Infantojuvenil consiste em um gênero literário dedicado especialmente para crianças e jovens, com características próprias e originais veem ganhando espaço e conseqüentemente se promovendo no âmbito literário.

Na esfera educacional, as literaturas infantis e juvenis apresentam várias modalidades e estabelecem novas possibilidades de leitura conforme as crianças e os jovens leitores exploram os livros. Porém, essas novas possibilidades não estão apenas ligadas ao caráter pedagógico, mas também no campo da construção do senso crítico do indivíduo. É desta forma que esta pesquisa se permeia sobre o campo da literatura, através de uma análise da obra *A bolsa amarela* da escritora Lygia Bojunga e propõem-se evidenciar as críticas sociais feitas por Bojunga levando em conta o plano real e fantástico da narrativa, como objetivo central deste artigo, uma vez que o trabalho com textos literários tem um importante papel no processo de formação de sujeitos críticos e reflexivos.

O interesse por essa linha de pesquisa surgiu a partir da disciplina Literatura Infantojuvenil, ofertada pelo curso de Letras. Através desta disciplina tive o primeiro contato com a autora e conseqüentemente com a literatura produzida por ela, haja vista, que Bojunga constrói as suas narrativas usando a infância como tema principal. Suas obras permeiam entre realidade e fantasia, o que pode proporcionar à criança um caminho para a maturidade e para a busca de sua identidade e isso se torna evidente no decorrer da pesquisa. Desse modo, a relevância em abordar essa temática consiste na promoção da literatura Infantojuvenil e reflexão sobre o papel do texto literário para a construção de sujeitos críticos.

Ao analisar a obra *A bolsa amarela*, compreende-se a necessidade que o indivíduo tem de ser compreendido em qualquer fase da vida, principalmente na infância, pois a não compreensão desse indivíduo, influência para o surgimento de conflitos internos que afetam na sua aceitação e reafirmação de sua identidade.

O trabalho é de cunho bibliográfico, pois se trata de uma análise do livro *A bolsa amarela*, por isso a necessidade de recorrer a autores que discutem sobre a literatura Infantojuvenil desde o seu surgimento até a atualidade. As etapas da pesquisa se deram por meio de pesquisas de estudos relacionados ao tema, leituras e fichamentos, escolha dos principais autores, pois são muitos os que discorrem acerca da temática proposta, análise e produção do texto. Os autores escolhidos para compor o corpus do trabalho são referência na área literária. Também no que diz respeito à escolha de tais autores, explica-

se o fato que seus trabalhos contêm informações de que necessitei ao longo da realização desta pesquisa.

A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO BRASIL: SUA TRAJETÓRIA ATÉ OS DIAS ATUAIS

A literatura Infantojuvenil é uma parte da literatura destinada de forma especial às crianças e jovens adolescentes. Hoje sabemos que esta literatura tem um papel importante no desenvolvimento intelectual de crianças e jovens, mas houve um tempo em que isso não era levado em consideração. Segundo Zilberman (1983, p. 15) “Essa faixa estaria não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado”. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos.

Nesse sentido, compreendia-se que não era necessária uma literatura destinada a esse público. “E como a criança era vista como um ‘adulto em miniatura’, os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos” (COELHO, 2000, p. 29). Tais textos eram de difícil compreensão para crianças, devido a linguagem complexa e temas que não estavam acima da compreensão infantil.

A trajetória da literatura Infantojuvenil começa a surgir no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, “pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta”. (CUNHA, 1999). É a partir desse momento que surge a literatura destinada ao público infantil, com a finalidade de, juntamente com a escola, educar.

Segundo Zilberman (1983, p. 15) “A aproximação entre a instituição e gênero literário não é fortuita. Sintoma disto é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professoras, com marcante intuito educativo”. Esse era o principal objetivo da literatura, abordar temas que aproximasse as crianças do que os adultos esperavam que elas se tornassem.

No Brasil, até o século XIX, a literatura produzida para o público infantil e juvenil era importada e suas traduções eram feitas em Portugal. Por conta disso, era considerada uma literatura cara, pouco acessível. Assim, é no âmbito da ascensão de um pensamento burguês e familista que surge a literatura infantil brasileira (ZILBERMAN, 1983, p. 87). Não havia editoras no país e até mesmo os autores brasileiros tinham que mandar imprimir seus textos na Europa. Isso era, pois o principal fator que dificultava o desenvolvimento da literatura Infantojuvenil no Brasil.

No começo do século XX esse cenário começa a mudar, pois Monteiro Lobato publica em 1921, *Narizinho arrebitado*. A partir daí, surge um novo rumo da literatura Infantojuvenil no Brasil, iniciando assim uma nova fase literária da produção brasileira destinada a crianças e jovens. Segundo Arroyo (2011, p. 198)

Embora estreando na literatura escolar com *Narizinho arrebitado*, Monteiro Lobato trazia já com seu primeiro livro as bases da verdadeira literatura infantil brasileira: o apelo *À imaginação* em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil.

A partir de Lobato é que a literatura para crianças e jovens assume um plano estético em que a ficção abre espaço para um pensamento questionador e crítico sobre a realidade. Em seus livros infantis, os temas englobam mitologia grega, matemática, história, ciências naturais, geografia, entretanto, é a cultura brasileira a base de suas composições, inclusive com destaque para costumes regionais e lendas folclóricas.

Reconhecendo ou não o caráter pedagógico da literatura infantil para crianças, a verdade é que sua importância no contexto escolar vai além do pedagogismo utilizado no interior da escola, uma vez que permite múltiplas possibilidades de povoar a imaginação e de despertar as fantasias infantis (SILVA, 2016, p. 25). Compreende-se então que Monteiro Lobato contribuiu de forma excepcional para o que a literatura Infantojuvenil se tornou, deixando de ser apenas um artifício pedagógico.

Atualmente, o papel da literatura não se restringe apenas a codificação das palavras ou enriquecimento do vocabulário. A literatura é levada para a sala de aula como uma proposta didática diversificada, as inúmeras possibilidades de leituras com esses textos proporcionam a identificação do leitor com a obra possibilitando-os construir suas próprias interpretações. Pois, segundo Coelho (2000, p. 164):

(...) a literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor especial, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida. Daí o caráter pedagógico (conscientizador) que, de maneira latente ou patente, é inerente à sua matéria. E também, ou acima de tudo, a necessidade de ênfase em seu caráter lúdico... Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor, não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda.

Nesse modo, compreende-se a necessidade de uma proposta de leitura atraente, que prenda a atenção do leitor, despertando seu senso crítico e capacidade de reflexão sobre o mundo que o rodeia, tornando-o consciente dos problemas da complexa sociedade que ele faz parte. Sobre a literatura infantil brasileira atual, Silva (2016, p. 28) contribue

dizendo que “A característica atual da literatura infantil brasileira é a de prosseguir com a utilização dos antigos temas nacionais”, só que fazendo uso de novas perspectivas e formulações para poder continuar encantando o público infantil. Sobre essa preocupação, de tratar de problemáticas da vida real utilizando a fantasia do universo infantil, Zilberman (1983, p. 37) corrobora com Silva afirmando que:

A literatura infantil oferece um campo de trabalho igualmente válido, ao reproduzir, nas obras transmitidas às crianças, as particularidades da criação artística, que visa a uma interpretação da existência que conduza o ser humano a uma compreensão mais ampla e eficaz de seu universo, qualquer que seja sua idade ou situação intelectual, emotiva e social.

Nessa perspectiva, compreende-se que a literatura destinada ao público infantojuvenil atualmente, vai muito além do ensinar, está interessada em ampliar o vasto conhecimento do indivíduo sobre o mundo que o cerca, despertando seu senso crítico de modo que o leve a questionamentos que ele próprio, de acordo com sua compreensão de seu universo, possa lhe dar as respostas de que precisa, exercitando desta forma a capacidade de construir sua própria interpretação. É nesse sentido que a “literatura pode se constituir em objeto de conhecimento, ampliando e renovando o horizonte de percepção de seu leitor” (ZILBERMAN, 1983, p. 60). Desta forma, entende-se que a literatura infantil e juvenil veio se moldando com o tempo até a atualidade, vencendo estereótipos e conquistando seu espaço nas estantes dos pequenos, colaborando para seus desenvolvimentos enquanto indivíduos sociais. Este fator determina a índole eminentemente histórica da literatura, pois não apenas ela está em constante evolução, como somente se transforma, porque reage de maneira ativa às circunstâncias sociais de onde procede (IDEM, 1983, p. 60). É justamente nesse sentido que a literatura contribui significativamente para com o desenvolvimento crítico social do leitor, fazendo-o conhecedor e participante das mudanças que ocorrem na sociedade, além de colaborar com a criatividade, imaginação e interesse pela leitura.

Segundo Cavalcanti (2009, p. 39) “[...] a literatura pode ser, para a criança, um aspecto para a expansão do seu ser [...] ampliando o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne um adulto mais criativo, integrado e feliz”. Tendo a infância como plano de fundo, é mais fácil tratar de assuntos importantes e desta forma atrair os jovens leitores. Através de aspectos comuns do dia a dia a leitura do texto se torna mais acessível e leva-os a construção de suas interpretações. A criança pode buscar na literatura, uma maneira de manifestar seus sentimentos, identificando-se com a leitura, pelo prazer que ela lhe proporciona.

Desde o reconhecimento da necessidade de uma literatura voltada para o público infantil e juvenil, muitas foram as faces dessa literatura, mesmo que no início ela fosse vista apenas como um instrumento pedagógico usado com o intuito de instruir e moralizar. Hoje sabe-se que a literatura infantojuvenil vai muito além disso. Para Zilberman (2005, p. 79) “a literatura infantil brasileira deu um grande passo, ampliando as possibilidades de representação do mundo interior da criança, sem ter de renunciar à comunicabilidade com o leitor, nem ter de apelar ao socorro dos adultos na condição de auxiliares mágicos ou decifradores dos sentidos ocultos dos textos”.

A literatura infantil contemporânea no Brasil chama atenção pelo “brincar” lendo, além da solidariedade, do amor à natureza, do humanismo e do exercício da cidadania desde a infância; ainda aborda um conteúdo de caráter pedagógico rico em recursos para discussões e reflexões em família, em espaços de socialização e em salas de aula de escolas sob gestão democrática, compromissadas com a formação de cidadãos, desta maneira tem mais a contribuir com os jovens leitores, criando possibilidades de discursão e não apenas impondo.

A LITERATURA DE LYGIA BOJUNGA

Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas no dia 26 de agosto de 1932 e cresceu numa fazenda. Aos oito anos de idade foi para o Rio de Janeiro onde em 1951 se tornou atriz numa companhia de teatro que viajava pelo interior do Brasil. A predominância do analfabetismo que presenciou nessas viagens levou-a a fundar uma escola para crianças pobres do interior, que dirigiu durante cinco anos. Trabalhou durante muito tempo para o rádio e televisão, antes de iniciar como escritora de livros infantis.

Em 1972, Lygia Bojunga Nunes escreveu seu primeiro livro *Os colegas* e já em sua estreia recebeu o Prêmio Jabuti de melhor livro infantil. De 1972 até os dias atuais, a autora completou um acervo de 21 títulos. São eles, *Os Colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A Bolsa Amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1976), *Corda Bamba* (1979), *O Sofá Estampado* (1980), *Tchau* (1984), *O Meu Amigo Pintor* (1987), *Nós Três* (1987), *Livro, um encontro com Lygia Bojunga* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *Seis Vezes Lucas* (1995), *O Abraço* (1995), *Feito à mão* (1996), *A Cama* (1999), *O Rio e Eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aulas de Inglês* (2006), *Sapato de Salto* (2006), *Vinte I* (2007) e *Querida* (2009). Trata-se de um trabalho criativo bem extenso que possui uma predominância do gênero novela, “mas que também possui trabalhos de incursões dramáticas” (PIRES, 2013, p. 10). Além destas obras, a autora também escreveu para o teatro a peça *O Pintor* (1989) e fez a adaptação da obra *Nós três* (1989).

A escritora, que iniciou suas atividades literárias ainda no período da ditadura militar, foi uma ativista da resistência. “Essa luta surge e depois é transposta para o domínio da literatura infantil, já que segundo a escritora, os generais não liam livros destinados a crianças e adolescentes” (CRISTÓFONO 2010, p. 3). Os textos de Bojunga baseiam-se intimamente na perspectiva da criança. Ela observa o mundo através dos olhos das mesmas. Sobre esse aspecto, Pires (2013, p. 12) contribui dizendo que:

A obra da autora gaúcha tem potencial expressivo e representa um movimento renovador na literatura Infanto-juvenil brasileira. Além disso, seu acervo destaca-se por grande qualidade literária e alto nível de criação, sendo sua originalidade seu aspecto singular.

Em suas narrativas, encontramos personagens que se revoltam contra a desigualdade e diferença social. Porém, Lygia Bojunga busca não utilizar um discurso de censura, já que o importante é a tomada de consciencialização e esta é sempre feita de uma maneira bem humorada. Malheiros (2000, p. 2) diz que “Lygia Bojunga Nunes é uma escritora que fala para todas as idades, mas procura estabelecer diálogos antes de tudo com crianças e jovens”. A escritora utiliza suas personagens para evidenciar questões sociais sem deixar sua obra pesada para seu público principal, uma vez que cada personagem remete o leitor a uma interpretação pessoal.

É evidente em diversas obras da autora, sua preocupação em estabelecer uma relação com seus leitores. Isso fica claro quando observamos os diálogos que encontramos nelas. Esse recurso abre espaço para as mais diferentes possibilidades de leitura, permitindo que o leitor faça sua própria interpretação do que está lendo, levando em conta sua experiência de vida. De acordo com Marchi (2000, p. 198):

O leitor desempenha um papel fundamental nas narrativas de Lygia, pois elas produzem sua ativação (...) na medida em que motiva o questionamento dos estereótipos, seja no que concerne às convenções literárias ou as circunstâncias sociais de onde provem o destinatário.

Pode-se dizer que a escrita de Bojunga está voltada para a experiência do leitor, uma vez que a partir da sua leitura, ele vai construindo sua própria interpretação baseado em seus conhecimentos do mundo, seja ele adulto ou criança. O que pode parecer mais interessante nas obras de Bojunga é a relação que o leitor faz com situações do dia a dia. É nesse sentido que a autora procura envolver leitor e texto, possibilitando que o texto seja interpretado de acordo com as vivências do cotidiano do jovem leitor. Entre os autores contemporâneos que escrevem para crianças e jovens, a escritora Lygia Bojunga destaca-se por abordar em suas obras essa particularidade literária.

Bojunga não propõe uma literatura paternalista, onde as histórias têm o intuito de repreender, admoestar. A autora quase sempre se utiliza da criança, tomando como

plano de fundo a infância para contestar o universo dos adultos, que costumam achar que esses pequenos indivíduos não são capazes de levantar questões tão importantes. Geralmente, suas personagens apropriam-se da fantasia a fim de ultrapassar experiências pessoais difíceis no mundo de gente grande e se transportam para um mundo particular. Segundo Cristófono (2010, p. 3):

Para a autora, o dia a dia encontra-se repleto de encantamento de bom humor: onde despertam os desejos tão intensos que não são possíveis sustentá-los, onde personagens como alfinetes e guarda-chuvas dialogam tão convincentemente com os peões e as bolas, onde animais e objetos vivem vidas tão diversificadas e vulneráveis como as das pessoas.

No mundo infantil, tudo se torna possível; o mundo real abre espaço para o imaginário, cheio de fantasia. E no interior da fantasia, que é o mundo da escrita, está a criança, muitas vezes só, sentindo-se abandonada, sempre emotiva e cheia de vontade de mudar essa realidade. É nessa perspectiva que Bojunga constrói histórias envolventes, com personagens dos mais variados, vivendo seus dramas particulares, porém de forma bem humorada, tornando a leitura agradável. Esses elementos insólitos não possuem ligação fixa ou verdadeira com a realidade e são responsáveis por despertar o imaginário do leitor, fazendo com que ele sinta a estranheza dos fatos e ao mesmo tempo não busque explicações na realidade.

Nesse aspecto é consenso entre estudiosos do fantástico que o importante é a maneira como o autor dispõe os elementos insólitos no enredo e a habilidade em ligá-los aos outros elementos da narrativa. Assim afirma Todorov (2008, p. 11) “um texto não é somente o produto de uma combinação preexistente (combinação constituída pelas propriedades literárias virtuais); é também uma transformação desta combinação”. Esses elementos insólitos são integrados à literatura Infantojuvenil com o intuito de facilitar a interpretação pelo leitor enquanto criança, uma vez que Lygia usa esse artifício fantástico para tratar de situações do âmbito social. “Por entender o papel social da literatura, a autora faz de suas obras um meio de reflexão sobre problemas que atingem crianças e adolescentes” (PIRES, 2013, p. 13). Para que isso aconteça, é necessário tornar o cotidiano mais interessante para a criança, já que as histórias se perpassam nesse ambiente, e de fato a autora o faz com graça e clareza. A prova disso está em suas personagens.

Usando o recurso da fantasia, as personagens de Lygia Bojunga Nunes superam os obstáculos e os conflitos e estão prontas, meninos e meninas, a empreender a caminhada pelo mundo, com os olhos no futuro, de mãos dadas com seus iguais: os que acreditam na humanidade do homem e têm esperança no futuro. Os que sabem que o presente e o futuro ninguém os recebe de graça, são frutos do trabalho e da luta organizada”. (MALHEIROS, 2000. p. 3)

O caráter crítico presente na escrita de Bojunga, corresponde a questões que facilmente se comprovam pelas temáticas de suas obras que, enfocando os problemas existenciais da criança e o questionamento de valores sociais mais amplos, propõe uma reflexão crítica sobre os preconceitos, a situação de exploração em que vivem os oprimidos, as relações sociais, o ensino, a família, assuntos até então incomuns na literatura voltada para o público infantil. Sobre esse caráter crítico social presente nas obras de Bojunga, Pires (2013, p. 13) destaca algumas obras.

Ao analisarmos algumas obras da autora, percebemos que nelas são expostas grandes problemas sociais como o estupro, no livro *O Abraço* (1995); o problema da orfandade, na história da menina Maria, em *Corda bamba* (1979); a situação do assassinato na obra *Nós três* (1987); a questão do suicídio em *Meu amigo pintor* (1987); o desamparo social em *A casa da madrinha* (1978), o abandono, narrado na história da mãe que decidiu ir embora com um amante e deixa seus filhos com o marido em um conto intitulado *Tchau* da obra de mesmo título (1984).

Partindo do pressuposto de que esses temas, apesar de comum, são consideravelmente pesados para se tratar com o público infantil é que a autora utiliza do fantástico. Dentro do fantástico, é possível construir histórias com personagens que fogem da realidade, pois, é segundo o olhar infantil que as histórias acontecem. Temas relacionados a afirmação da criança enquanto indivíduo social também perpassam pelas obras da autora, de forma que as personagens representam um posicionamento crítico que lhes possibilitam uma postura afirmativa da busca por aceitação.

Muitas são as contribuições de Lygia Bojunga para a Literatura Infantojuvenil. Elizabeth D'Angelo Serra, Secretária Geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, ao falar de Bojunga diz que "o potencial humano para influenciar o outro tem sua expressão maior na palavra escrita. E Lygia Bojunga, sabendo disso, o faz como poucos. Enfeitiça-nos com uma mistura que liberta: suas palavras carregadas de sentimentos, conhecimentos, experiências e muita imaginação a serviço de desconstruir e construir significados que nos tocam”. É dessa maneira que a autora se propõe a escrever para o público infantil, apesar de encantar também o público adulto através da riqueza de suas metáforas, bem como seu domínio técnico na elaboração da narrativa, e na perfeita fusão do social com o individual, do real com o fantástico.

“O impacto causado à literatura brasileira para crianças pela autora Lygia Bojunga Nunes, por exemplo, dificilmente poderá tornar sustentável a defesa do utilitarismo como forma ideal e/ou única de discurso literário dirigido à criança ou ao jovem.” (PERROTTI. 1986, p. 133). De fato, a autora está entre os que arriscaram uma literatura mais diversificada para o público infantil, mantendo a graça e o maravilhoso geralmente presentes em livros desse gênero, Bojunga acrescentou elementos que apenas tornou esta literatura mais interessante. Deste modo, Bojunga rompe as fronteiras da literatura infantojuvenil.

O que talvez a faça mais conhecida como autora de um público infantil e jovem é o fato de que a maioria de suas obras são protagonizadas por crianças. Este é um fator interessante porque algumas obras não apenas são protagonizadas por crianças como são narradas a partir do ponto de vista delas, a partir da forma como elas enxergam e sentem o mundo. Salientando que, ao expor o mundo a partir da visão da criança, faz-se necessário o incremento da fantasia, uma vez que esse elemento é característico desse público, permitindo que histórias sejam contadas de acordo com as peculiaridades do universo infantil.

METODOLOGIA

Esta pesquisa partiu do interesse em analisar críticas sociais presentes na literatura Infantojuvenil, especificamente em uma obra escrita por Lygia Bojunga, uma escritora contemporânea que dedica-se a escrever para crianças e jovens. Para compreender a necessidade de Bojunga de escrever para esse público e levantar questões sociais, fez-se necessário abarcar de forma resumida a história da literatura infantil, como se deu esse processo no Brasil até os dias atuais. A abordagem dessa pesquisa é qualitativa, segundo Oliveira (2002, p. 117).

A abordagem qualitativa nos leva, entretanto, a uma série de leitura sobre o assunto da pesquisa, para efeito da apresentação de resenhas, ou seja, descrever pormenorizada ou relatar minuciosamente o que os diferentes autores ou especialistas descrevem sobre o assunto e, a partir daí, estabelecer uma série de correlações para, no final, darmos nosso ponto de vista conclusivo.

É nessa perspectiva que este trabalho foi elaborado, analisando o objeto da pesquisa e levando em consideração as contribuições de estudiosos da área da literatura Infantojuvenil, críticos literários, pesquisadores, que discutem sobre esta literatura, relacionando-os com a obra *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga. Haja vista, que a pesquisa qualitativa permite a contribuição do ponto de vista do pesquisador em questão, expressando sua opinião, como visto nos resultados e discursões deste artigo.

A pesquisa é, portanto, de cunho bibliográfico, pois, “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno” (OLIVEIRA, 2002, p, 119). Desse modo, foi necessária uma vasta pesquisa sobre obras e artigos científicos publicados sobre o tema, desde o processo da consolidação da literatura Infantojuvenil no Brasil aos dias atuais, até a Literatura de Lygia Bojunga, incluindo biografia da autora, acervos de obras, características de suas narrativas, principais temas abordados, contexto histórico, e seu papel e contribuições para a literatura Infantojuvenil.

Para a realização da pesquisa biográfica, foi indispensável seguir as fases necessárias para o desenvolvimento do trabalho. Essas fases correspondem a: escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação e por fim, a redação. Para a escolha do tema e delimitação considerou-se a necessidade de estudos sobre a literatura e autora em questão. Após a escolha do tema seguiu-se a elaboração do plano de trabalho, segundo Marconi e Lakatos (2014, p, 46). “Na elaboração do plano deve-se observar a estrutura de todo o trabalho científico: introdução, desenvolvimento e conclusão”. O plano consistiu em identificar o que cabe a cada parte do artigo. Já a identificação contribuiu para saber que livros, teses, artigos, entre outros, seriam necessários e relevantes para a pesquisa. Após ser feita a identificação, fez-se a localização de pesquisas na biblioteca da universidade, artigos e teses publicados disponíveis na internet. A compilação foi a reunião de todos esses materiais, em seguida foram feitas as leituras e fichamento dos textos lidos. Em seguida, a análise e interpretação e então a redação.

Essas oito fases foram essenciais para a construção deste artigo. Após ser observada e compreendida o que correspondia cada parte que compõe o trabalho, foi desenvolvido o referencial teórico, dividido em dois tópicos, que discutiu sobre a trajetória da literatura Infantojuvenil até os dias atuais e as especificidades dos textos de Lygia Bojunga, enfatizando aspectos críticos e sociais em suas obras. Após a elaboração do referencial teórico, parti para os resultados e discussão. Nesse tópico, foi feita uma breve apresentação do enredo e informações sobre a obra analisada. Tendo o aporte teórico como base e a interpretação feita através da leitura da obra, foram levantados pontos pertinentes sobre as críticas feitas pela autora, sempre buscando mostrar com trechos da obra analisada. Desta forma, aporte teórico, pesquisador e objeto da pesquisa estiveram sempre interligados.

Assim, a pesquisa bibliográfica, permitiu-me a leitura de um vasto conteúdo sobre literatura Infantojuvenil e a partir dessas leituras é que foi possível analisar a obra

proposta, tomando como pressuposto os estudos de outros autores. “Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo da análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” (TRUJILLO, 1974) apud (MARCONI e LAKATOS 2014, p, 44). É desta maneira que a pesquisa bibliográfica contribui para a construção deste trabalho, dando o devido suporte para a construção de minha interpretação e escrita do texto, a partir de estudos já realizados anteriormente.

O método de abordagem qualitativo permitiu que a pesquisa abordasse situações complexas ligadas as várias possibilidades de interpretação de um único objeto. Uma vez que uma obra pode ser analisada de várias formas e sob olhares e perspectivas diferentes. Desse modo, compreende-se que o presente trabalho consistiu na capacidade de leitura, compreensão e interpretação, respeitando as fases impostas pela pesquisa bibliográfica. Os resultados apresentados no artigo, se deu através de todo um processo até chegar a sua conclusão. Porém, vale lembrar que a literatura e a sociedade estão em constante transformação, permitindo múltiplas interpretações, abrindo portas para novos questionamentos, oportunizando novas pesquisas e conseqüentemente, novos conhecimentos que virão a enriquecer e promover mais ainda essa literatura ainda considerada nova, porém, indispensável para o despertar do senso crítico infantil.

A BOLSA AMARELA: UM MUNDO ESCONDIDO

O livro *A bolsa Amarela* (1976) é uma narrativa que conta a história de Raquel, uma menina que tem vontades muito fortes: ser gente grande, se tornar escritora e ter nascido menino, porém, ela reprime essas vontades dentro de uma bolsa amarela. A narrativa é conduzida pela própria protagonista que conta fatos do cotidiano e ao mesmo tempo, cria grandes episódios fantásticos. A menina usa elementos do seu dia a dia para construir um mundo imaginário, onde ela e as personagens que cria são respeitadas por todos. Essa mistura é a forma que ela encontrou para poder tornar o mundo real da sua família algo em que ela pudesse sentir as mais fortes emoções.

A narrativa de Lygia Bojunga Nunes, está dividida em dez capítulos, assim denominados: “As vontades”, “A bolsa amarela”, “O galo”, “História do alfinete de fralda”, “A volta da escola”, “O almoço”, “Terrível vai embora”, “História de um galo de briga e de um carretel de linha forte”, “Comecei a pensar diferente” e “Na praia”.

No primeiro capítulo, Raquel, já revela o que tem guardado como segredo. Assim, faz a apresentação: “Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades [...]”. (NUNES, 2013, p. 9). Sentindo-se incompreendida pelos familiares, a menina

conhecia bem as três vontades que cresciam dentro de si e por isso achou melhor escondê-las. Por mais que seja uma criança, Raquel, a caçula entre quartos irmãos, tem uma personalidade forte, possui senso crítico aguçado, criatividade peculiar e questiona a todo o tempo os conceitos e padrões sociais impostos por sua própria família.

No decorrer da história é possível entender o porquê dos seus três desejos secretos. O de crescer é porque os adultos não a levavam a sério pelo fato de se tratar de uma criança. A de ser menino, porque ela queria fazer o que quisesse sem ser julgada pelo fato de ser menina. E ser escritora, porque ela adora inventar histórias e personagens. Esses desejos reprimidos por Raquel é uma crítica à estrutura familiar tradicional, onde criança não tem vontade própria.

Prezado André:

Ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim.

Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria contar minha vida. Dá pé?

Um abraço da Raquel. (BOJUNGA, 2013, p. 10)

Nessa carta, destinada a um amigo inventado de Raquel, a protagonista deixa evidente a frustração de não ter atenção e, ao mesmo tempo, a necessidade de compartilhar sua história. Já nesse trecho é perceptível o motivo do surgimento do desejo de se tornar gente grande, uma vez que na sua família, criança não tinha voz. Por se sentir muito só e oprimida, ela começa a escrever a seus amigos imaginários, com os quais compartilhava tais desejos.

No decorrer da história em que o leitor vai conhecendo as personagens que estão dentro da Bolsa amarela, muita coisa passa a fazer sentido e tais personagens começam a levá-lo a interpretá-los, trazendo metáforas consideradas chocantes, até mesmo para adultos, como o galo com o cérebro costurado. Vale considerar que o livro foi escrito no período da ditadura. Esse período pode ser percebido através da história de duas personagens, o galo Rei e o galo Terrível. O galo Rei nasceu incumbido de exercer uma tarefa muito importante no galinheiro, o de mandar e desmandar nas galinhas, mas ele não queria, pensava diferente dos donos do galinheiro e por conta disso foi preso, porém, consegue fugir e achar abrigo na bolsa amarela.

Quando eu expliquei que desde pequenininho eu sonhava com um galinheiro legal, todo mundo dando sua opinião, resolvendo as coisas, achando furada essa história de só um galo mandar e desmandar a vida toda, sabe o que elas fizeram? Chamaram o dono do galinheiro e deram queixa de mim.

- No duro?

- Fiquei danado. Subi no puleiro e berrei: “Não quero mandar sozinho! Quero um galinheiro com mais galos! Quero as galinhas mandando junto com os galos!”

- Que legal!

- Legal coisa nenhuma; me levaram preso.

- Mas por quê?

- Pra eu aprender a não ser um galo diferente. (BOJUNGA, 2013, p. 36)

Conforme relata na obra, o galo Rei insatisfeito com o seu nome, muda e passa a chamar-se Afonso. Vivendo uma vida reclusa dentro da bolsa amarelo, Afonso decide que vai lutar por suas ideias, mas apenas no final consegue compreender pelo o que deve lutar. Outra personagem que também representa esse período difícil na história do Brasil, é o galo Terrível, que teve seu pensamento costurado, com uma linha bem forte, pelos seus donos, a fim de que só conseguisse pensar em uma coisa, ganhar de todos.

Foi aí que os donos disseram:

- o jeito é fazer o Terrível pensar do jeito que a gente quer que ele pense. Mas, que jeito? Bolaram, bolaram, e acabaram resolvendo que o jeito era costurar o pensamento do Terrível e só deixar de fora o pedacinho que pensa: “Eu tenho que ganhar de todos!”. (BOJUNGA, 2013, p. 94-95).

A história dessas personagens remete o leitor a uma reflexão sobre o direito de expressão, um grande problema enfrentado por muitos durante a ditadura. A autora também aborda essa temática em outras obras, mas sempre de forma leve, como é possível observar em *A bolsa amarela*, “Lygia Bojunga debate uma questão política urgente, a ditadura militar. No entanto, jamais descuida da função lúdica” (CRISTÓFANO, 2010, p. 2). Essa função, permite que o leitor interaja com o texto, sinta as emoções que a história lhe propõe. Desta forma, torna-se mais fácil compreendê-lo, interpretá-lo e refletir sobre as problemáticas que o texto apresenta. É desta forma, lúdica, que Bojunga traça o caminho de Raquel. A protagonista está entre dois planos, o real e o imaginário. No plano real a família da menina a trata como uma mera espectadora de sua própria vida, enquanto que no plano imaginário ela é a personagem principal, importantíssima para o andamento da história das demais personagens que estão dentro da bolsa.

De todas as personagens que vivem dentro da bolsa amarela, os desejos de Raquel são os que mais pesam, porém, há episódios em que um desejo pesa mais que o outro, a ponto de a menina quase não aguentar o peso da bolsa. Dos três desejos de Raquel, o de ter nascido garoto tem uma posição dominante no início da narrativa. De fato, Raquel

não se conforma em não poder realizar tarefas que só eram atribuídas aos rapazes e deseja, assim, libertar-se de um padrão de procedimentos que lhe foram atribuídos.

Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa e se a gente bobear e fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês têm que meter as caras no estudo, que vocês tem que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter tudo. Até para resolver casamento – eu não te vejo – a gente fica esperando vocês decidirem (BOJUNGA, 2013, p. 16-17).

O discurso da protagonista vem de encontro às preocupações e ao debate das mulheres na década de 70, quando o movimento *hippie* tendo por ideal ideias de Betty Friedman, luta pela igualdade entre os sexos. Essa questão da desigualdade feminina é colocada pela autora ainda na infância, uma vez que a menina é criticada por gostar de brincadeiras consideradas para meninos e ensinada a esperar que os homens decidam pelas mulheres, isso faz com que ela queira abdicar do seu papel feminino. No entanto, isso muda depois que o galo Afonso lhe dá de presente uma guarda-chuva, que se vê na condição de poder escolher o que deseja ser e ainda assim, escolhe ser mulher. Essa personagem remete a protagonista a uma espécie de libertação, onde ela se reconhece como menina e aceita sua condição.

Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica – que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que elas tinham nascido – perguntou:

- você quer ser guarda-chuva homem ou mulher?

E ele respondeu: mulher. (BOJUNGA, 2013, p. 48)

[...]

Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar. (BOJUNGA, 2013, p. 48)

[...]

- Tá vendo? Falaram que tanta coisa era coisa de garoto, que acabei até pensando que o jeito era nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro. Vamos lá na praia soltar pipa? (BOJUNGA, 2013, p. 126)

No final da história, “a vontade de ser um menino emagreceu tanto que foi embora”, o que prova que Raquel assumiu a sua identidade feminina. A discursão da condição da mulher dessa década, também pode ser vista na história do galo Afonso, porém, numa outra perspectiva. Na história contada por Afonso, as galinhas representavam as mulheres que não compreendiam a luta do movimento *hippie*, que não se permitiam desprender-se das amarras impostas pela sociedade machista da época, duvidando de suas capacidades de seguir seus próprios ideais.

Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma sem vir me perguntar: “Eu posso? Você deixa?” E se eu respondia: “Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor”, elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! Faz aquilo! Bota um ovo! Pega uma minhoca! Do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho. (BOJUNGA, 2013, p. 35)

Isto reflete com alguma nitidez o contexto social da época e o pensamento da mulher que não tinha sido instruída para os novos desafios que lhe eram colocados, enquanto que o galo Afonso representa a visão masculina, expressa na dúvida se as mulheres possuem realmente vontade de ser donas de si próprias, ou seja, se são capazes de construir o seu próprio destino, baseado nos seus sonhos e perspectiva de vida. Na narrativa, a autora aborda essa questão por meio da fantasia da menina, através do olhar masculino dentro da imaginação da protagonista, Marchi (2000, p. 199) apud Pires (2013, p. 20) afirma que, “[...] a fantasia utilizada por Lygia remete ao real e é sempre utilizada a fim de aguçar a percepção crítica, ao contrário de outras histórias que a utilizam como fator alienante”. Esse método, de discutir o plano real através da fantasia, possibilita ao leitor, além de divertir-se com as histórias das personagens criadas por Raquel, o despertar de sua percepção crítica.

A *bolsa amarela* permite o enriquecimento da vida do pequeno leitor ao estimular a sua imaginação. Segundo Bruno Bettelheim (2006 apud Cristóvão 2010, p. 16) “para que uma história possa verdadeiramente prender a atenção do jovem leitor e enriquecer a sua personalidade, tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-lo a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e aspirações”. Em *A bolsa amarela* vários são os momentos em que podemos vivenciar isso. Nos trechos da narrativa percebe-se que os fatos do cotidiano são colocados por Lygia com muita sensibilidade e principalmente sob a perspectiva da criança. Isso se dá através do desejo da menina em ser escritora. A autora é conhecida e reconhecida por essa habilidade em retratar no mundo infantil assuntos que muitos autores consideram distantes das crianças.

Enquanto eu escrevia a “História de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte”, a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que alívio. Acabei até mudando de ideia: resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu deveria escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir? Paciência. Melhor rirem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela (BOJUNGA, 2013, p. 103).

No trecho acima Raquel decidiu que iria escrever independente se as pessoas iriam rir ou gostar das suas histórias e isso fez com que sua vontade de ser escritora voltasse ao tamanho normal e que não fosse um peso para ela. Essa atitude de Raquel faz parte da sua afirmação pessoal, ela começa a assumir sua identidade e seus sonhos. Nessa passagem da narrativa é possível perceber que os elementos reais e fantásticos na história de Raquel estão de maneira particular relacionados a sua busca de identidade, vivida por toda criança. Ao mesmo tempo que acontecem episódios reais e fantásticos, uma aventura espiritual acontece, e a menina segue o rumo da sua afirmação como pessoa.

O desfecho ou a solução dos conflitos ocorre no momento em que a protagonista descobre que as coisas podem ser diferentes. Seu contato com as pessoas da Casa dos Concertos foi crucial para sua descoberta: “E eu fiquei achando que gente grande não era uma turma tão difícil de entender que nem eu pensava antes”. (NUNES, 2013, p. 115). Esse momento de reflexão da narradora sobre o mundo adulto acontece quando ela conhece a família da casa do concerto, essa família é um modelo de família ideal, onde todos desempenham funções importantes para o bom relacionamento familiar e todos têm vez e voz. Nesse sentido prevalece a crítica à entidade familiar por meio do fantástico, uma vez que a família da casa dos concertos está no plano fantástico da narrativa.

Outro recurso que colabora para a construção do caráter crítico e que torna a narrativa leve para o leitor é a linguagem. É importante ressaltar o efeito do uso da primeira pessoa na narrativa, isto porque a narração dos fatos pelo próprio personagem indica a veracidade dos acontecimentos e ao mesmo tempo confere um tom de incerteza, pois este personagem narra episódios que podem estar em sua imaginação. Esse recurso é muito bem utilizado por Lygia em *A bolsa amarela*. A personagem Raquel que narra a história nos traz de maneira espontânea os acontecimentos e lhes conferem veracidade, mesmo em fatos imaginários.

Mas na porta eu parei: “E se alguém abre a bolsa amarela enquanto eu tô fora? e se descobrem o Afonso lá dentro? e se o Terrível foge pra ir brigar? e se as minhas vontades saem também – crescendo, engordando, tomando conta do quarto, de tudo?” Me apavorei. O jeito era não arriscar, era levar a bolsa comigo. Levei. (BOJUNGA, 2013. P. 68)

Nessa passagem da narrativa, Raquel por meio de várias indagações faz com que o leitor também pense sobre o risco que ela corre deixando a bolsa em casa. Isso permite um envolvimento maior com o leitor e reafirma a veracidade de sua fala, ou seja, ela conduz o leitor a não duvidar se realmente estão dentro da bolsa tudo que ela disse. A linguagem é simples, de fácil compreensão. Raquel narra os fatos com muita clareza, usando expressões do dia a dia. Nos trechos a seguir, percebe-se que o uso de gírias,

desvios das normas gramaticais e a escolha do vocabulário reproduzem a fala de uma criança na idade da personagem e isso possivelmente aproxima personagem e leitor.

Um dia fiquei pensando o que é que eu ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só pra treinar. (BOJUNGA, 2013, p. 10)

- Ah, pera lá, Afonso! A bolsa já tá lotada. (BOJUNGA, 2013, p. 63.)

Essa linguagem simples causa uma aproximação do narrador com o leitor, pois essas expressões e gírias estão presentes em seu cotidiano, na sua interação com amigos e família, possibilitando, com facilidade, a construção da imaginação do fato narrado devido a espontaneidade com que é narrado. De acordo com Malheiros (2000, p. 2) “as palavras do cotidiano são usadas e combinadas com maestria e muitas vezes deixam de lado o prosaico e se embrenham no poético”. A obra toda é de linguagem simples, composta por diálogos e reflexões da narradora sobre situações que surgem dentro da narrativa, por seu vocabulário informal e pela criação de palavras, fato comum nessa fase da vida humana. O fato de ser narrado com a linguagem simples de uma criança, não impede a reflexão dos temas propostos, pelo contrário, torna-se mais fácil o envolvimento, por conta da inocência do mundo infantil. “O estilo implica agilidade por parte do narrador, rapidez na comunicação e interação com o leitor, características que desenham o relacionamento da escritora com a literatura infantil e com suas expectativas perante o leitor” (ZILBERMAN, 2005, p. 71).

É assim que Raquel narra episódios da vida real e do fantástico, que se passa dentro da bolsa. É de forma simples e lúdica que a narradora apresenta e conta sua história, os acontecimentos do seu âmbito familiar e do seu universo infantil, possibilitando uma ampla imaginação. Como já dito anteriormente, “as bases da literatura Infantojuvenil consiste no apelo à imaginação, a movimentação do diálogo” (AROYO, 2011).

Dentro desses episódios narrados por Raquel, muito se disse sobre o plano imaginário, que consiste no fantástico, insólito, costumeiramente presente nas obras de Lygia Bojunga, em *A bolsa amarela* isso está bastante presente. Os elementos insólitos na narrativa estão na constituição das personagens guardadas dentro da bolsa e também, nos acontecimentos no decorrer da história, como as vontades da menina Raquel que engordavam e emagreciam, a possibilidade de carregar dentro de uma bolsa nomes, galos, alfinete, guarda-chuva e vontades. Nota-se isso com frequência no decorrer da narrativa, quando o leitor se envolve tanto com a leitura a ponto de torcer pro galo Terrível ter um final diferente do previsto, que o galo Afonso consiga encontrar uma ideia e que possa lutar por ela, que a guarda-chuva destrave e comece a viver sua vida de onde parou, e

principalmente, que Raquel se aceite como menina, criança e seus desejos sejam respeitados.

Dentro do penúltimo capítulo, finalmente, as vontades se esvaem, menos a de escrever, e a bolsa fica vazia, torna-se leve e conseqüentemente a menina também se sente leve. A bolsa amarela nesse sentido, corresponde a própria Raquel, é dentro do seu íntimo que ela guarda as suas vontades e seus amigos imaginários, é no seu inconsciente que ela guarda suas frustrações, preocupações, desejos, medos e críticas e é nesse mesmo ambiente que ela se reencontra e reafirma como criança.

Mesmo sendo personagens reais dentro de um plano fantástico, suas histórias permitem inúmeras possibilidades de interpretação. De forma bem humorada abordam críticas sociais consideravelmente relevantes para o despertar do senso crítico do pequeno leitor. O propósito da autora de considerar o leitor em sua obra faz toda diferença, dessa forma a narrativa dialoga com o universo do leitor a todo momento de forma intensa, mas sem se tornar exaustiva. Percebe-se que há uma preocupação por parte da autora no que diz respeito à relação entre leitor e livro. “É nesse sentido que se verifica a posição da autora em proporcionar ao leitor infantil histórias que fazem parte da sua vida, de forma a contribuir com sua formação social” (PIRES, 2013, p, 14).

A partir da história de Raquel, uma garota que entra em conflito consigo mesma e com uma estrutura familiar repressora, a autora estabelece uma análise da família patriarcal. A menina, afetiva e sonhadora, conta-nos o seu dia a dia. Nesse contar, mundo real e mundo imaginado, povoado de amigos ocultos e fantasistas, interligam-se na medida em que fatos reais e fantásticos cruzam-se numa aventura íntima de auto aceitação. Essa sua postura a leva a questionar e contradizer os pré-julgamentos impostos pelos adultos contra as crianças e a mulher: a imagem feminina vai se revelando também nas histórias de outros personagens, porém, sob outros aspectos. Mas a autora deixa à criança leitora a hipótese de construir a sua imagem e não lhe impõe a possibilidade um perfil único, permitindo diferentes interpretações. “Ler e reler os livros de Lygia é descobrir e redescobrir um mundo cada vez mais rico. Seus leitores saem de lá menos pobres” (MALHEIROS, 2000, p, 4)

Em síntese, a narrativa de Lygia Bojunga, por meio de uma abordagem lúdica da realidade social, constitui-se de grande utilidade ao abrir caminho para ampla reflexão sobre o papel do ser humano na sociedade. Ela, a narrativa, apela a cada leitor para a percepção da sua identidade própria, ressaltando a existência das diferenças. Além de contribuir para a aceitação pessoal, colabora com a promoção da literatura Infantojuvenil no âmbito literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao se analisar o contexto em que a literatura infantojuvenil se desenvolveu, percebe-se que a função pedagógica sempre esteve muito presente. A intenção educativa do livro destacou-se, carregando consigo a função de dirigir e orientar a criança, quase sempre sem a possibilidade de decidir e escolher o que ler.

A partir de 1970, iniciou no Brasil uma produção de livros para as crianças e para os jovens, voltada para questionamentos dos valores sobre os quais estava assentada a sociedade. Assim, formou-se uma literatura inquieta que focava nas relações entre a criança e o mundo em que ela vivia. Dentre os autores dessa época, encontra-se Lygia Bojunga Nunes, apreciada pela sua originalidade de temas e pela capacidade de criar personagens que derrubam tais valores carregados de preconceitos, abrindo espaço para a criança enquanto ser crítico.

Diante do exposto, não é difícil constatar que a bolsa amarela e os demais elementos mágicos da narrativa contribuem com maior ou menor intensidade para o aparecimento do fantástico na obra.

Esses objetos mágicos e toda a ambientação insólita servem não para criar apenas um clima mágico, muito comum nas narrativas para crianças e jovens, mas os recursos fantásticos servem para realçar a crítica social existente na narrativa. Ou seja, é através desses elementos insólitos que a crítica da autora sobre a sociedade se faz de forma mais precisa. É importante ressaltar ainda que por meio deste trabalho foi possível compreender a importância das narrativas fantásticas e que os recursos utilizados nestas ficam muito expressivos quando voltados para as crianças. O limite entre o real e o imaginário para elas é leve, sem falar que essas histórias vêm ao encontro dos seus desejos de magia e fantasia. Ficando claro na narrativa analisada que a relação entre os elementos reais e imaginários vão além da fantasia de Raquel, esse forte jogo entre o real e o imaginário colabora para a construção de críticas à sociedade, na verdade, esses fatos, aparecem de certa forma para refletirmos.

É através da interpretação das histórias das personagens que se torna possível a reflexão sobre os temas abordados pela autora na obra. A história nos comove, nos permite adentrar no mundo das personagens, no tempo das mesmas e sentir as emoções delas. É nesse momento que de forma involuntária surgem os questionamentos, a necessidade de reflexão.. Isso porque além de deleitar-se e divertir-se com os episódios inusitados narrados, o leitor torna-se conhecedor de seu papel como indivíduo social, mesmo que seja o papel de seguir seus sonhos infantis. Com o trabalho, mostrou-se a riqueza de abordagem literária que se encerra no interior de A bolsa amarela, seja a partir

de Raquel ou a partir da análise do processo de busca de identidade pelo qual passa até sentir-se feliz consigo mesma. É uma história cujo final não é o já conhecido nos contos maravilhosos, “felizes para sempre”, mas fica aberto; há apenas a certeza de que a menina aprendeu a conviver com as vontades e amadureceu como pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, L. (2011). **Literatura infantil brasileira**. 3. Ed. Ver. E ampliada. São Paulo: Editora Unesp.
- BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela** / Lygia Bojunga; ilustração Marie. 35. ed. 24 reimpr. – Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2013.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed.- São Paulo: Moderna. (2000)
- CRISTÓFONO, Sirlene. **A Literatura Contemporânea de Lygia Bojunga: O dispositivo para o despertar e constringer da Consciência**. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista. V.2. N2. P.21-38. Jlh/dez. 2010.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18ed. São Paulo: Ática, 1999.
- HUNT, Peter [1945] **Crítica, teoria e literatura infantil**: Peter Hunt. Criticism, Theory and Children's Literature. Tradução: Cid Knipel. Ed. Ver. São Paulo. Cosac Naify, 2010.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e Histórias**. – 4. ed. São Paulo. Editora Ática. 1988.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos** / Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. ed. – 9. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2014.
- MALHEIROS, Eglê. **A Criança na corda bamba: a literatura de Lygia Bojunga Nunes**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. N.5. Brasília, P.1-4. MARÇO DE 2000.
- NARDES, Laura Battisti. **Literatura Infanto-Juvenil: a estética literária em Lygia Bojunga Nunes**. Brasília: L. B. Nardes, 1988.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de, 1943 – **Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses** / Silvio Luiz de Oliveira; revisão Maria Aparecida Bessana. - - São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- PIRES, Fernanda de Aguiar Ribeiro. **A literatura de Lygia Bojunga Nunes: o real e o fantástico como instrumento de denúncia dos problemas sociais de crianças e adolescentes**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.
- SANDRONI, Laura. **De Lobato à década de 1970**. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). 30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, Vânia Maria da. **A literatura infantil em sala de aula: verificando as formas de abordagens**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Instituto de Educação. Lisboa, 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 1. ed. Curitiba: IBPEX, 2010.

_____, Regina. **A literatura Infantil na escola**. 11ed. São Paulo: Global, 2003.

www.casalugiabojunga.com.br